

INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

INCLUSION OF STUDENTS WITH VISUAL DISABILITIES IN BASIC EDUCATION

Laura de Lizieux Lira Madruga¹
Paulo Romero Procópio Ferreira Lopes²

RESUMO: O presente estudo pretende relacionar algumas condutas com o intuito de proporcionar a melhoria do ensino para pessoas com deficiências visuais. Estas ações serão aplicadas pelos órgãos competentes em cada escola que desejar utilizar tais métodos e executadas pelas pessoas previamente capacitadas e instruídas. As ações apontadas foram as seguintes: Compreender as dificuldades de percepção de detalhes que o aluno apresenta e a necessidade de aproximação da lousa ou do material pedagógico. Facilitar a discriminação de detalhes, potencializando o contraste e a iluminação do material a ser discriminado. Favorecer o desenvolvimento da consciência visual, ajudando o aluno a analisar e interpretar formas mais complexas de objetos e figuras. Favorecer a ampliação do repertório visual do aluno, através de múltiplas experiências, incluindo até ajudas táteis e auditivas quando a visão não for suficiente. Motivar o aluno a construir as imagens mentais a partir da experiência concreta com os objetos para a representação tridimensional e a representação simbólica. Ajudar o aluno a compreender suas reais alterações de campo visual, as dificuldades com escotoma (ponto cego), buscando o melhor posicionamento de cabeça ou do material que favoreça melhor desempenho visual.

1091

Palavra-chave: Percepção. Repertório Visual. Tridimensional.

ABSTRACT: The present study intends to relate some behaviors in order to provide the improvement of education for people with visual impairments. These actions will be applied by the competent bodies in each school that wishes to use such methods and executed by the previously trained and educated people. The actions indicated were as follows: Understand the difficulties of perception of detail that the student presents and the need to approximate the blackboard or the teaching material. Facilitate detail discrimination, enhancing the contrast and illumination of the material to be discriminated. Favor the development of visual awareness by helping the student to analyze and interpret more complex forms of objects and figures. To promote the student's visual repertoire through multiple experiences, including tactile and auditory aids when vision is not enough. To motivate the student to construct the mental images from the concrete experience with the objects for the three-dimensional representation and the symbolic representation. Help the student to understand their real visual field changes, difficulties with scotoma (blind spot), seeking the best positioning of the head or the material that favors better visual performance.

Keyword: Perception. Visual Repertory. Three. Dimensional.

¹ Graduada em Comunicação Social com habilitação em publicidade e propaganda pela UNIESP. Graduada em licenciatura plena em língua inglesa pela Universidade estadual Vale do Acaraú. Pós- graduada pelo SENAC em artes Visuais — Cultura e criação. Especialização em metodologia do ensino da língua inglesa pela UNINTER. Pós-graduada pela UNIFUTURO em Educação Global, Inteligencias Humanas e Construção da Cidadania. Mestranda pela Wisdom of Christ University.

² MBA em Gestão de Projetos e Métodos Ágeis – Estratégico, 2021. Ensino Superior - Graduado no Ensino Superior Tecnológico – Designer de Interiores – IFPB, 2015. Ensino Superior - Graduado no Curso de Direito – Bacharel em Direito – UNIPÊ.

INTRODUÇÃO

A vida escolar é repleta de desafios, já nos primeiros anos os alunos são inseridos em um universo vasto de letras, números, cores, formas geográficas e etc. Para assimilar completamente todas essas informações é fundamental que o aluno receptor esteja com seu campo cognitivo, motor e emocional em desenvolvimento contínuo. Além desses três aspectos citados, para uma assimilação efetiva do conteúdo escolar é relevante que alguns sentidos como visão e audição também estejam em boa performance. Neste caso quaisquer estudantes que apresente dificuldades em algum desses aspectos deve ter um auxílio diferenciado. Portanto este trabalho tenciona a inclusão de pessoas com baixo rendimento na visão, ou ainda, deficiência visual total na Educação básica.

O Decreto nº 3.298 de dezembro de 1999 categoriza a pessoa com deficiência da seguinte forma:

“Art. 4º É considerada pessoa portadora de deficiência a que se enquadra nas seguintes categorias:

III - deficiência visual - cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores.” (Redação dada pelo Decreto nº 5.296, de 2004) (**BRASIL, Decreto nº 3.298 de 20 de Dezembro de 1999**. Site da Presidência da República, Acesso em: 02/04/2017)

“A baixa visão pode ocasionar conflitos emocionais, psicológicos e sociais, que influenciam o desempenho visual, a conduta do aluno, e refletem na aprendizagem. Um ambiente de calma, encorajamento e confiança contribuirá positivamente para a eficiência na melhor utilização da visão potencial que deve ser explorada e estimulada no ambiente educacional, pois o desempenho visual está relacionado com a aprendizagem. É recomendável, portanto, provocar a conduta de utilizar a visão para executar todo tipo de tarefas, pois a visão não se gasta com o uso. Além disso, o professor deve proporcionar ao aluno condições para uma boa higiene ocular de acordo com recomendações médicas.” (**Atendimento Educacional Especializado**, Brasília DF/2007, página 18.)

“O Brasil vem se organizando em termos de dados estatísticos oficiais sobre as pessoas com deficiência. Após a Lei nº 7.853/89, que tornou obrigatória a inclusão de itens específicos nos censos nacionais, o Censo Demográfico de 1991, pela primeira vez, incluiu questões que atestaram a presença de 2.198.988 pessoas com deficiência, em uma população total de 146.815.750 habitantes, o que representa 1,49 % desta.” (**Política Nacional de Saúde da Pessoa Com Deficiência**, Brasília DF/ 2010, página 06.)

Em 1975 a ONU no artigo 1º da Declaração de Direitos das Pessoas Deficientes aprovada em 9 de dezembro dispõe que pessoas deficientes, a saber, é deficiente qualquer pessoa incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente as necessidades de uma vida individual ou social normal, em decorrência de uma deficiência congênita ou não.

: “As principais alterações visuais na infância são: hipermetropia, miopia, astigmatismo, ambliopia e estrabismo. Embora essas alterações não constituam deficiência visual, são problemas visuais que devem ser detectados e tratados precocemente, com intervenção clínica oftalmológica adequada, para que a criança atinja um desenvolvimento das funções visuais dentro dos padrões de normalidade.” (**Saberes e Práticas da Inclusão**, Editora: MEC, 2006.)

“O olho humano pode ver, com nitidez, objetos a curta distância, desde 25 cm até muitos quilômetros de distância. Para que isto ocorra, os meios ópticos e vias ópticas devem estar intactos, de modo que a imagem captada pela retina seja transmitida pelo nervo óptico até o córtex visual, responsável pela decodificação e interpretação das imagens visuais.” (**Saberes e Práticas da Inclusão**, Editora: MEC, 2006.)

“A detecção precoce e correção das principais alterações visuais, no primeiro ano de vida, permitem que as imagens de ambos os olhos sejam iguais e de boa qualidade, para que o cérebro seja capaz de realizar a fusão. As duas imagens se fundem tornando uma percepção única, processo responsável pela visão binocular.” (**Saberes e Práticas da Inclusão**, Editora: MEC, 2006.)

“A visão binocular tem um rápido desenvolvimento, a partir da coordenação ocular dos 3 até os 12 meses, o que possibilita a percepção espacial e a visão de profundidade. As conexões celulares e a plasticidade neuronal são intensas até os 3 anos, por isso as alterações visuais como ambliopia estrabismo devem ser corrigidas,

de preferência, no primeiro ano de vida, para resultados de grande eficácia.” (**Saberes e Práticas da Inclusão**, Editora: MEC, 2006.)

“Embora a binocularidade se complete por volta dos 5 – 6 anos, os resultados obtidos depois dos 5 (cinco) anos são bem menores. Por isso, deveria ser prática comum, em nosso meio, realizar a avaliação oftalmológica nas creches e pré-escolas.” (**Saberes e Práticas da Inclusão**, Editora: MEC, 2006.)

ELABORAÇÃO DO PROBLEMA

1. PROBLEMA

Gil (2008) define o problema como resposta a pesquisa, assim como uma delimitação espacial e temporal. Segundo GIL (1999, p.49), para entender o que é um problema científico é preciso, primeiramente, considerar aquilo que não é um problema científico.

Assim, problema “(...) na acepção científica (...) é qualquer questão não solvida e que é objeto de discussão, em qualquer domínio do conhecimento” (GIL, 1999: 49).

Estes são, segundo GIL (1999), exemplos de problemas de valor, “assim como todos aqueles que indagam se uma coisa é boa, má, desejável, certa ou errada, ou se é melhor ou pior que outra. São igualmente problemas de valor aqueles que indagam se algo deve ou deveria ser feito” (p.50).

Richardson (1989) diz que se deseja realizar um estudo analítico, necessita-se de maior aprofundamento do tema selecionado.

Segundo Richardson (1989) existe condições para as exigências de um determinado problema de pesquisa. O problema deve ser concreto e estar formulado de forma clara e precisa, deve referir-se a fenômenos observáveis, referir a casos únicos ou isolados e apresentar originalidade. Richardson (1989) diz que faz parte do projeto os motivos de ordem teórica e prática que justificam a pesquisa, considerando as possíveis contribuições do estudo para o conhecimento humano e para a solução do problema em questão.

ELABORAÇÃO DAS HIPÓTESES: causas que originaram o problema e possibilidades/caminhos para superá-lo.

2. HIPÓTESES

Na formulação de hipóteses úteis, há três dificuldades principais, apontadas por Goode e Hatt (1969: 75) *apud* Marconi e Lakatos (2007, p. 163): Ausência ou o desconhecimento de um quadro de referencial teórico claro; Falta de habilidade para utilizar logicamente esse esquema teórico; Desconhecer as técnicas de pesquisa

existentes para ser capaz de expressar adequadamente a hipótese. A utilização da hipótese é necessária para que a pesquisa apresente resultados úteis.

Marconi e Lakatos (2007) dizem que é uma proposição que se faz na tentativa de verificar a validade de resposta existente para um problema. E sua função, na pesquisa científica, é propor explicações para certos fatos e ao mesmo tempo orientar a busca de outras informações.

Já Severino (2002) após colocar todos os problemas, e suas amplitudes, o autor deve enunciar suas hipóteses: *tese* propriamente dita, onde é a ideia central que o trabalho se propõe demonstrar. Pois hipótese é o que se pretende demonstrar e não o que já se tem demonstrado evidente.

Já Richardson (1989) diz que hipótese deve ser extraída dos problemas levantados para estudo, os quais devem está explícitos nos objetivos. As hipóteses têm que ser claras e precisas, indicar importância e contribuição teórica, e definir as variáveis. Ela pode ser formulada de acordo com o tipo de problema: univariadas, multivariadas e relação causal.

Gil (2008) concorda com Richardson (1989) quando diz que as hipóteses devem estar explícitas em relações previstas entre as variáveis.

Hipóteses:

- 1) A origem do problema é histórica, mas que vem mudando gradativamente, no passado pessoas com deficiências não eram integradas em um ensino de educação adequadas para elas.
- 2) De acordo, com uma sociedade mais evoluída, com menores preconceitos, foi aos poucos inserindo os deficientes neste modelo de educação de hoje, porém com muitos erros, poucos acertos, mas que vai caminhando devagar para progredir.
- 3) Educação da família, recursos que ajudem um bom relacionamento dos deficientes visuais diante da sociedade e etc.

ELABORAÇÃO DO OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICO – no geral, sonhos que almejamos realizar com a pesquisa; específicos, para nos orientar na caminhada – com começo, meio e fim.

Os objetivos constituem a *finalidade* de um trabalho científico, ou seja, a *meta* que se pretende atingir com a elaboração da pesquisa.

São eles que indicam o que um pesquisador realmente deseja fazer. Sua definição clara ajuda em muito na tomada de decisões quanto aos aspectos metodológicos da pesquisa, afinal, temos que saber o que queremos fazer, para depois resolvermos como proceder para chegar aos resultados pretendidos.

Podemos distinguir dois tipos de objetivos em um trabalho científico: os objetivos *gerais* e os objetivos *específicos*.

Como o próprio nome diz, os objetivos gerais são aqueles mais amplos. São as metas de longo alcance, as contribuições que se desejam oferecer com a execução da pesquisa. Em geral, o primeiro e maior objetivo do pesquisador é o de obter uma resposta satisfatória ao seu problema de pesquisa.

No entanto, para se cumprir os objetivos gerais é preciso delimitar metas mais específicas dentro do trabalho. São elas que, somadas, conduzirão ao desfecho do objetivo geral.

Objetivo Geral:

Analisar a inclusão do deficiente visual na educação básica e regular.

Objetivos Específicos:

- Identificar técnicas, recursos de ensino, para incluir na educação deste público alvo, fazendo com que facilite o aprendizado.
- Analisar maneiras que impulsionem e orientem os professores, à utilizar novas formas, para que os deficientes visuais aprendam melhor.
- Propor metodologias novas para os professores transmitirem as matérias para seus alunos (deficientes visuais).

Já Gil (2008) diz o objetivo da pesquisa em termos deve ser claros e precisos.. Severino (2002) diz que o autor expõe os objetivos que o trabalho visa atingir relacionados com a contribuição que pretende trazer.

Marconi e Lakatos (2007) dizem que toda pesquisa deve ter um objetivo determinado para saber o que se vai procurar e o que se pretende alcançar. O objetivo torna explícito o problema, aumentando os conhecimentos sobre determinado assunto. Para Ackoff (1975: 27) *apud* Marconi e Lakatos (2007, p. 159), “o objetivo da ciência não é somente aumentar o conhecimento, mas o de aumentar as nossas possibilidades de continuar aumentando o conhecimento

Segundo Richardson (1989), os objetivos deverão ser extraídos diretamente dos problemas levantados no tópico. Que os objetivos gerais definem o que se pretende alcançar com a realização da pesquisa, e que os específicos definem aspectos determinados que se pretenda estudar e que contribuem para alcançar o objetivo geral.

REVISÃO DA LITERATURA - na pesquisa qualitativa e sistêmica da contemporaneidade, o reconhecimento se dá pela qualidade da fundamentação do argumento do pesquisador. Precisamos de bengalas consistentes.

MARCO TEÓRICO

Conjunto de elementos que permitem a identificação no todo ou em parte, de documentos impressos ou registrados em diversos tipos de materiais. As referências bibliográficas são compostas de elementos essenciais e complementares.

Os elementos essenciais são aqueles indispensáveis à identificação de publicações mencionadas em qualquer trabalho, como autor, título, edição, local, editor e data. Já os elementos complementares são aqueles opcionais, que acrescentados aos essenciais, permitem melhor caracterizar as publicações referenciadas, como subtítulos, tradutor, notas bibliográficas, número de páginas, série etc.

A origem do problema é histórica, mas que vem mudando gradativamente, no passado pessoas com deficiências não eram integradas em um ensino de educação adequadas para elas.

(Artigo Científico - **Educação, inclusão e pessoa com deficiência visual na educação básica: Um paradoxo necessário**. Autores: Dayene Pereira Siqueira e Dirceu Pereira Siqueira). SIQUEIRA, Dirceu Pereira; GOTTEMS, Claudinei J. **Direitos fundamentais: da normatização à efetividade nos 20 anos de Constituição brasileira**. Birigui: Boreal, 2008. SIQUEIRA, Dayene Pereira; SIQUEIRA, Dirceu Pereira. Educação, inclusão e pessoa com deficiência visual na educação básica: Um paradoxo necessário. **Âmbito Jurídico, Rio Grande, XIII, n. 73, 2010.**

Citação: “A inclusão social certamente tem sido um dos grandes desafios do mundo globalizado, gerando consequências multidisciplinares. A redução das desigualdades em nossa sociedade é tema que ganha relevo nas diversas pesquisas científicas, afinal, devemos pensar em uma sociedade realmente inclusiva e que prestigie cada dia mais a inclusão dos grupos.” . **Âmbito Jurídico, Rio Grande, XIII, n. 73, 2010.**

Citação: “ Incluir na educação básica a pessoa com deficiência visual merece um olhar mais atento, mais minucioso, em face da possível rejeição do grupo para com essa pessoa, e assim, não podemos imaginar uma inclusão meramente ilusória, isso é, apenas colocar essa pessoa em meio aos outros e deixar fluir naturalmente sua interação. **Âmbito Jurídico, Rio Grande, XIII, n. 73, 2010.**

(Artigo Científico - **O processo de inclusão escolar de cegos: um estudo em uma escola estadual belenense**. Autores: Suelen Tavares Godim e Adriane Giugni

Silva).MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

Citação: Segundo Lüdke e André (1986, p.17) “[...] o estudo de caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo”, permitindo retratar a realidade singular de forma completa e profunda.

Citação: [...] inclusão escolar é uma forma de inserção em que a escola comum tradicional é modificada para ser capaz de acolher qualquer aluno incondicionalmente e de propiciar lhe uma educação de qualidade. Na inclusão, as pessoas com deficiência estudam na escola que freqüentariam se não fossem deficientes (SASSAKI, 1998, p. 8).

Citação: Nesse sentido, Bueno (1998, p.20) afirma que “[...] não basta inserir os alunos com deficiência no ensino regular, é preciso que nós estruturemos para eles um serviço de qualidade”.

Citação: Nesse sentido, Bueno (1998, p.20) afirma que “[...] não basta inserir os alunos com deficiência no ensino regular, é preciso que nós estruturemos para eles um serviço de qualidade”.

Citação: A observação participante, os questionários e as entrevistas possibilitaram detectar essas dificuldades. Segundo Vianna (2003) a observação é uma das mais importantes fontes de informação em pesquisas qualitativas em educação. Assim se pronuncia o autor: [...] sem acurada observação, não há ciência. Essencial ao observador não é simplesmente olhar, necessário se faz saber ver, identificar e descrever as inúmeras interações e processos humanos. No trabalho de campo é fundamental ao observador ser capaz de manter a concentração, tolerância, sensibilidade e, muita capacidade física, mental e emocional para investir nesse propósito (VIANNA, 2003, p. 12).

Citação: Detectou-se, portanto, que a inclusão para todos na escola investigada ainda não se configura como realidade, haja vista que o princípio da inclusão pressupõe [...] o reconhecimento da necessidade de se caminhar rumo à escola para todos, um lugar que inclua todos os alunos, celebre e diferença, apóie a aprendizagem e responda às necessidades individuais. E a escola deve caminhar em busca de um espaço educacional que atenda a todos no contato com a diversidade que os programas educacionais devem dar acesso a todos à escola regular, que deve acomodar os alunos

em uma pedagogia centrada no sujeito, capaz de satisfazer às suas necessidades **(DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p.10)**.

Citação: [...] o plano global da instituição. Pode ser entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um processo de Planejamento Participativo, que se aperfeiçoa e concretiza na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar. É um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade **(VASCONCELOS, 2004, p.171)**.

(Artigo Científico - **Braille nos dias de hoje: objeto de vitrine ou ferramenta indispensável?**. Autores: Regina Oliveira e Márcia Carvalho). Regina Oliveira é formada em Letras, Membro do Conselho Iberoamericano e do Conselho Mundial do Braille e coordenadora da revisão de materiais em braille na Fundação Dorina. É cega desde os sete anos. (Artigo Científico - **Braille nos dias de hoje: objeto de vitrine ou ferramenta indispensável?**. Autores: Regina Oliveira e Márcia Carvalho).

Citação:“O Sistema Braille, baseado na combinação de seis pontos em relevo, permitia a representação do alfabeto e dos números, da simbologia matemática, fonética e musicográfica. Adaptava-se plenamente às peculiaridades da leitura tátil, pois cada caractere podia ser percebido pela parte mais sensível dos dedos por meio de apenas um toque. Apesar de ter levado algumas décadas para ser aceito na França, antes do final do século XIX, ele já havia se difundido pela Europa e por outras partes do mundo”. (Artigo Científico - **Braille nos dias de hoje: objeto de vitrine ou ferramenta indispensável?**. Autores: Regina Oliveira e Márcia Carvalho, p. 10).

Citação: “Os modernos displays braille, que já vêm sendo largamente utilizados em muitos países, são capazes de resolver as dificuldades de armazenamento e permitem que pessoas cegas possam ler com autonomia em todo lugar e a qualquer momento. Entretanto, o alto custo desses equipamentos ainda os torna inacessíveis para a maioria dos cidadãos”. (Artigo Científico - **Braille nos dias de hoje: objeto de vitrine ou ferramenta indispensável?**. Autores: Regina Oliveira e Márcia Carvalho, p11).

De acordo, com uma sociedade mais evoluída, com menores preconceitos, foi aos poucos inserindo os deficientes neste modelo de educação de hoje, porém com muitos erros, poucos acertos, mas que vai caminhando devagar para progredir

VYGOTSKI, L.S. Obras escolhidas **V: Fundamentos de defectologia**. Madrid: Visor, 1997. (Artigo Científico – **Educação Física Escolar e Inclusão : Uma análise a partir do desenvolvimento motor e social de adolescentes com deficiência visual e das atitudes dos professores**. Autora: Marcia Greguol Gorgatti,p. 84-85)

Citação:“Sem dúvida, a escola especial cria uma ruptura sistemática do contato com o ambiente normal, aliena o cego e o situa num microcosmo estreito e fechado, onde tudo está adaptado ao defeito, onde tudo está calculado por sua medida, onde tudo lhe recorda. Este ambiente artificial não tem nada em comum com o mundo normal no qual o cego deve viver. (...) O cego tem que viver uma vida comum com os videntes, para o que deve estudar na escola comum”. (p.84).

Citação: “Assim, o autor já destacava também que a educação especial pode acentuar o isolamento social dos indivíduos com deficiência e tirar o contato destes com sua realidade. Vygotski foi um pensador adiantado em seu tempo, sendo que muitos de seus conceitos sobre crianças com deficiências vão ao encontro das reflexões atuais sobre o movimento de inclusão escolar”. (p.85)

Aprendizagem da criança com deficiência visual. BEE, H. *A criança em desenvolvimento*. 3 ed. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1984, p.32-36)

Citação: “Bee (1984) cita um estudo com um grupo de bebês com deficiência visual, que sorriam menos e não mostravam o fitar mútuo. A maioria dos pais desses bebês com deficiência visual, depois de diversos meses, começou a achar que seus bebês os rejeitavam; ou concluíram que os bebês estavam deprimidos. Esses pais sentiam-se menos ligados a seus filhos com deficiência visual do que aos outros filhos”. 3 ed. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1984, p. 32)

Citação: “ Podem ocorrer diversas mudanças se a ligação dos pais com a criança não se desenvolver totalmente. No caso das famílias citadas por Bee (1984), as mães cada vez mais evitavam o bebê com deficiência visual, elas supriam as necessidades de cuidado físico, mas deixavam de brincar com os bebês, de tentar aliciar sorrisos ou outras interações sociais”. 3 ed. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1984, p.36)

ACESSIBILIDADE NA ESCOLA, DURAN, M. G.; PRADO, A. R. A. Acessibilidade nos estabelecimentos de ensino. In. III SEMINÁRIO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE GESTORES E EDUCADORES - **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DIREITO A DIVERSIDADE. ENSAIOS PEDAGÓGICOS**. Brasília. Anais... Brasília: Ministério da Educação, 2006. v. 1, p. 137-142.

Citação: Conforme as leis, as escolas também necessitam estar preparadas para que possam receber todos os tipos de alunos, pois o Decreto Federal 5.296, de 2 de dezembro de 2004 define prazos para a garantia de acessibilidade, sob pena da não autorização para o funcionamento (DURAN; PRADO, 2006, p.138).

Citação: A familiarização com o ambiente escolar é muito importante para os alunos com necessidades especiais. Para os alunos com deficiência visual essa familiarização deve ser feita da sua casa até a escola. Também é muito importante, no primeiro momento, que o aluno conheça o ambiente escolar com o auxílio de uma pessoa que o conduza. Após essa familiarização é preciso que as coisas fiquem sempre no mesmo local e quando algo for mudado o aluno com deficiência seja avisado (DURAN; PRADO, 2006, p.140).

(Artigo Científico – **A deficiência visual no Ensino Regular**. Autor: Fernando Marques Pereira). CORREIA, Fernando Jorge Alves (1998). **A Integração de Crianças Portadoras de Deficiência Visual nas Escolas dos 2º e 3º Ciclos**. Integrar-Maio-Ago. p. 40-49. DIAS, Maria Eduarda Rodrigues Pereira (1991). **A Socialização da Criança Cega**. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Citação: “A convivência do aluno deficiente visual e do professor na sala de aula está longe de ser algo naturalmente aceite, algo comparável à convivência entre um aluno normovisual e o professor. E nem sequer se trata, na maior parte dos casos, de má-vontade por parte do professor ou indisponibilidade do aluno portador de deficiência. Trata-se, tão-somente, da dificuldade de efetivar, na prática, a "Escola Inclusiva", tão sabiamente arquitetada de formas teóricas, à luz da nossa bem intencionada legislação”. **A Integração de Crianças Portadoras de Deficiência Visual nas Escolas dos 2º e 3º Ciclos**. Integrar-Maio-Ago. p. 42-43. DIAS, Maria Eduarda Rodrigues Pereira (1991). **A Socialização da Criança Cega**. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Citação: “ Não basta decretar a integração do aluno deficiente visual, misturá-lo com outros alunos e um professor para que a sua integração escolar se consiga, nem tão pouco se garanta o desenvolvimento das suas capacidades/aprendizagens; não nos parece sensato olhar para o professor e ver na sua licenciatura uma formação do tipo "pau para toda a colher" nem esperar que cada professor, por motivação intrínseca, busque entre os paus da sua formação, a "colher" que há em si . Mas também não

queiramos que, por cada aluno portador de deficiência que chega à escola, seja admitido um rol de professores "bem preparados" para as diferentes disciplinas - como se se tratassem de "lidadores" para enfrentar a "fera". *A Integração de Crianças Portadoras de Deficiência Visual nas Escolas dos 2º e 3º Ciclos*. Integrar-Maio-Ago. p. 45-46. DIAS, Maria Eduarda Rodrigues Pereira (1991). *A Socialização da Criança Cega*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Educação da família, recursos que ajudem um bom relacionamento dos deficientes visuais diante da sociedade e etc.

Processos compensatórios da deficiência. FALKENBACH, A. P. **Um estudo de casos: as relações de crianças com síndrome de Down e de crianças com deficiência auditiva na psicomotricidade relacional** (Tese de Doutorado). 437 f. PPGCMH/UFRGS. Porto Alegre, 2003.

Citação: “A esse processo orgânico que transforma a doença em saúde denominamos de super- compensação. Segundo Falkenbach (2003), o organismo se constitui como um sistema de órgãos relativamente fechado e internamente unido, que possui uma grande reserva de energia potencial e de forças latentes. Atua nos instantes de perigo como unidade, mobilizando as reservas ocultas de forças acumuladas, concentrando no lugar de risco com maior prodigabilidade as doses de antitóxico que a dose de tóxico que a ameaça. (Tese de Doutorado). 437 f. PPGCMH/UFRGS. Porto Alegre, 2003.

Citação: Cada criança está sujeita a diferentes estímulos e reage de maneira diferente a eles. Segundo Falkenbach (2003), o desenvolvimento incompleto das funções superiores está ligado ao desenvolvimento cultural incompleto decorrente da sua exclusão do ambiente cultural e da nutrição precária que o meio social lhe proporciona. Com frequência as complicações secundárias são o resultado de uma educação incompleta”. (Tese de Doutorado). 437 f. PPGCMH/UFRGS. Porto Alegre, 2003.

ARAUJO, Luiz Alberto David. A proteção constitucional das pessoas portadoras de deficiência. 2ª ed. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1997, p.20

Citação: :“[...] o que define a pessoa portadora de deficiência não é a falta de um membro nem a visão ou audição reduzidas. O que caracteriza a pessoa portadora

de deficiência é a dificuldade de se relacionar, de se integrar na sociedade. O grau de dificuldade para a integração social é que definirá quem é ou não portador de deficiência.” 2ª ed. **Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1997, p.21**

Citação: “Já, em relação ao processo educativo a pessoa com cegueira é posicionado com ausência total de visão até a perda da projeção de luz. O processo de aprendizagem será através da integração dos sentidos: tátil cinestésico - auditivo, olfativo, gustativo, utilizando o Sistema Braille como meio principal de leitura e escrita. Torna-se, nesse contexto, imprescindível levar em conata a percepção e cognição do indivíduo, uma vez que a pessoa com deficiência visual detém uma dialética específica dos sentidos para interagir com o mundo”. 2ª ed. **Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1997, p.22.**

ARAUJO, Luiz Alberto David (Coord.). **Direito da pessoa portadora de deficiência uma tarefa a ser completada.** Bauru: Edite, 2003. p. 74.

Citação: “A deficiência congênita pode ocorrer ao nascer, enquanto a deficiência adquirida pode ocorrer em qualquer situação em determinada fase da vida, sendo esta ocasionada por algum evento. É preciso observar que a visão é uma das maneiras mais importante de se relacionar com os outros e o mundo exterior, visto que vivemos em uma sociedade onde a diversidade visual (textos, propagandas, etc.) persuadem e direcionam as pessoas em seu dia-a-dia” . **Bauru: Edite, 2003. p. 74.**

Citação: “Em 1975 a ONU no artigo 1º da Declaração de Direitos das Pessoas Deficientes aprovada em 9 de dezembro dispõe que pessoas deficientes, a saber, é deficiente qualquer pessoa incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente as necessidades de uma vida individual ou social normal, em decorrência de uma deficiência congênita ou não” . **Bauru: Edite, 2003. p. 75**

A RELAÇÃO COM OS PROFESSORES E COLEGAS AUXILIANDO NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO. VYGOTSKI, L.S. Obras escolhidas V: Fundamentos de defectologia. Madrid: Visor, 1997.

Citação: Quando avaliamos o desenvolvimento de uma criança buscamos observar quais atividades ela consegue desempenhar sozinha. Observamos o seu dia a dia para conseguirmos perceber quais tarefas ela realiza. Para Vygotsky (1998), a

capacidade que a criança apresenta para desenvolver sua atividade sozinha denomina-se o nível de desenvolvimento real, que são etapas já alcançadas por ela. **Madrid: Visor, 1997, p. 87**

Citação: Essas são etapas do processo de desenvolvimento já completadas.No presente estudo, podemos perceber através das observações realizadas nas aulas e das entrevistas que os professores e os colegas têm um papel importante no aprendizado da aluna, sendo nesse caso um potencializador cultural conforme Vygotsky trata na teoria do desenvolvimento proximal. **Madrid: Visor, 1997, p.87**

DEFICIENCIA VISUAL :Professor do Departamento de Ensino Especializado da Universidade do Estado do Pará (DEES/UEPA). Diretor do Instituto IEPA -Polo Belém. História da Deficiência no Brasil. (p.05-08).

Citação: É necessário apresentar um pouco de história para entendermos como os deficientes visuais foram atendidos no Brasil inicialmente e quais as questões que envolviam este atendimento. A partir deste breve histórico chegaremos à atual situação do DV nas escolas.

No Censo Demográfico de 1920, já apareciam dados de indivíduos que apresentavam deficiência sensorial, os chamados na época como “cegos” e “surdos-mudos” as pessoas com deficiência visual e auditiva. (p.05)

Citação: Segundo Jannuzzi (2004), em meados do século XIX teve início a educação para crianças com deficiência visual, predominantemente institucional e vinculada à área médica. No final deste mesmo século, é criada no Brasil uma instituição governamental direcionada para o atendimento educacional de pessoas cegas conhecido como Instituto Imperial dos Meninos Cegos hoje, atual Instituto Benjamin Constan. (p.08)

DEFINIR OS PASSOS DA METODOLOGIA DA PESQUISA – o método é o caminho que nos leva às metas. Portanto, definir e fundamentar bem cada passo é fundamental para alcançar os objetivos da pesquisa.

METODOLOGIA DA PESQUISA

CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

I - Definir a Tipologia da Pesquisa quanto aos objetivos: Exploratória? Descritiva? Explicativa?

A pesquisa descritiva é uma das classificações da pesquisa científica, na qual seu objetivo é **descrever as características de uma população, um fenômeno ou experiência para o estudo realizado.**

Ela é realizada levando em conta os aspectos da formulação das perguntas que norteiam a pesquisa, além de estabelecer também uma relação entre as variáveis propostas no objeto de estudo em análise.

Na pesquisa descritiva, cabe ao pesquisador fazer o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico, sem a manipulação ou interferência dele. Ele deve apenas descobrir a frequência com que o fenômeno ocorre ou como se estrutura dentro de um determinado sistema, método, processo ou realidade operacional.

Normalmente, a pesquisa descritiva utiliza técnicas padronizadas de coleta de dados para apresentar as variáveis propostas, que podem estar ligadas às características socioeconômicas de um grupo ou outras características que podem ser alteradas durante o processo.

Ela pode aparecer sob diversos tipos de pesquisas, como documental, estudos de campo, levantamentos, entre outras.

Por que utilizar a pesquisa descritiva neste projeto? Tendo em vista que serão utilizados o levantamento bibliográfico de extrema importância nessa revisão de literatura, como também as pesquisa qualitativas e quantitativas será necessário usar nesta pesquisa. Pois, temos que ter uma noção da quantidade de pessoas com esta deficiência, para ter base em fazer uma observação para coleta de dados. Ela se aproxima tanto da explicativa por tentar explicar a existência das variáveis como também da exploratória, que estão preocupados com a questão prática e são as mais utilizadas pelas instituições educacionais como iremos abordar neste projeto.

Pesquisa Explicativa

As pesquisas explicativas buscam identificar e explicar as causas de determinado problema do objeto de estudo. Mostram, portanto, a realidade ao explicar o porquê das coisas. Costumam dar continuidade a pesquisas descritivas e exploratórias, uma vez que oferecem uma visão mais detalhada do assunto e do tema estudado. A maioria das pesquisas explicativas costumam utilizar dois procedimentos técnicos: o *ex-post facto* e os e a pesquisa experimental. Este tipo de pesquisa é o mais

propenso a erros, uma vez que interpreta-se a realidade e o objeto de estudo, dando um caráter subjetivo à pesquisa, mas é, também, a que costuma envolver ações de ordem prática.

Pesquisa Explicativa será usada no projeto, por possuir um conhecimento real, experimental das coisas e caráter racional, e que tudo isso se dá a partir do momento que a pesquisa descritiva e explicativa é feita, portanto a pesquisa descritiva também será usada no projeto. O método observacional será de extrema relevância porque, explica a razão da exclusão de deficientes visuais estarem defasados e a partir da análise da descritiva para explicar o real motivo através de dados e bibliográficos acerca do problema.

Pesquisa exploratória

As pesquisas exploratórias visam uma maior familiaridade do pesquisador com o tema, que pode ser construído com base em hipóteses ou intuições. Os assuntos das pesquisas exploratórias, geralmente, são pouco conhecidos e, por isto, este tipo de pesquisa costuma envolver grandes levantamentos bibliográficos, citações e exemplos que facilitem o entendimento do assunto, além de entrevistas com pessoas que passam pelo problema ou já o superaram. Pesquisas bibliográficas e estudos de caso são muito utilizados nas pesquisas exploratórias, que contam muito com a intuição do pesquisador, dependendo bastante de seu trabalho.

A fase exploratória da pesquisa-ação objetiva determinar o campo de investigação, as expectativas dos interessados, bem como o tipo de auxílio que estes poderão oferecer ao longo do processo de pesquisa. Enquanto na pesquisa clássica a fase exploratória costuma caracterizar-se pela imersão sistemática na literatura disponível acerca do problema, na pesquisa-ação essa fase privilegia o contato direto com o campo em que está desenvolvida. Isso implica o reconhecimento visual do local, a consulta a documentos diversos e, sobretudo a discussão com representantes das categorias sociais envolvidas na pesquisa.

Por que utilizar a pesquisa exploratória neste projeto? O trabalho da pesquisa exploratória tudo tem a ver com o problema levantado, as hipóteses, o levantamento bibliográfico, que é de suma importância para a revisão de literatura, pois oferece o suporte para toda a pesquisa e o campo de investigação que será em institutos de ensino

básico e é essencial para esta pesquisa de exploração, portanto será utilizado neste projeto de pesquisa.

II – Definir a Tipologia da Pesquisa quanto aos Procedimentos: Estudo de Caso? Levantamento? Pesquisa Bibliográfica? Pesquisa Experimental? Documental? Participante?

Pesquisas bibliográficas

Pesquisa bibliográfica consiste na **etapa inicial de todo o trabalho científico ou acadêmico**, com o objetivo de reunir as informações e dados que servirão de base para a construção da investigação proposta a partir de determinado tema.

Após a escolha de uma temática específica para ser abordada, a pesquisa bibliográfica deve se limitar ao tema que foi escolhido pelo pesquisador, servindo como modo de se aprofundar no assunto. Desta forma, além de traçar um histórico sobre o objeto de estudo, a pesquisa bibliográfica também ajuda a identificar contradições e respostas anteriormente encontradas sobre as perguntas formuladas.

Também é importante averiguar se trabalhos com problemáticas semelhantes já foram realizados, e se vale a pena repetir a investigação. A partir da pesquisa bibliográfica pode-se descobrir qual a melhor **metodologia** a ser utilizada para produzir o trabalho.

A pesquisa bibliográfica torna-se totalmente indispensável na nossa pesquisa, é através dela que vamos ter recursos teóricos necessários para embasar toda a pesquisa do projeto. A pesquisa exploratória que também iremos usar, já dito acima, tem total aproximação com a bibliográfica como já falado anteriormente.

Iremos utilizar de alguns tipos de revisão de literatura como: artigos científicos (já existente nas referências), livros que abordam o tema como: Formação de professores voltada ao deficiente visual, as acessibilidades impostas para serem utilizadas também como recursos físicos, metodologia pedagógica aplicada ao deficiente, falaremos também como surgiu a história das deficiências implantadas na educação, como ela pode ser usada em escolas regulares de ensino básico, dentre outros documentos bibliográficos, como outras fontes de pesquisa permitidas na pesquisa bibliográfica, todas de acordo com os objetivos e as hipóteses, não fugindo do problema, pois esta é a parte essencial de toda a pesquisa, para não perder o foco.

Levantamento

Na maioria dos levantamentos, não são pesquisados todos os integrantes da população estudada. Antes seleciona-se, mediante procedimentos estatísticos, uma amostra significativa de todo o universo, que é tomada como objeto de investigação. As conclusões obtidas com base nessa amostra são projetadas para a totalidade do universo, levando em consideração a margem de erro, que é obtida mediante cálculos estatísticos.

Os levantamentos por amostragem gozam hoje de grande popularidade entre os pesquisadores sociais, a ponto de muitas pessoas chegarem mesmo a considerar pesquisa e levantamento social a mesma coisa. Na verdade, o levantamento social é um dos muitos tipos de pesquisa social que, como todos os outros, apresenta vantagens e limitações.

Por que usar o levantamento de campo na pesquisa? É essencial à utilização do levantamento de dados à respeito da quantidade de deficientes visuais existentes nas referidas escolas a serem estudadas através do método de coleta de dados da observação.

Pesquisa Participante

A pesquisa participante, assim como a pesquisa-ação, caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. Há autores que empregam as duas expressões como sinônimas. Todavia, a pesquisa-ação geralmente supõe uma forma de ação planejada, de caráter social, educacional, técnico ou outro (Thiollent, 1985).

A pesquisa participante, por sua vez, envolve a distinção entre ciência popular e ciência dominante. Esta última tende a ser vista como uma atividade que privilegia a manutenção do sistema vigente e a primeira como o próprio conhecimento derivado do senso comum, que permitiu ao homem criar, trabalhar e interpretar a realidade sobretudo a partir dos recursos que a natureza lhe oferece.

A pesquisa participante envolve posições valorativas, derivadas sobretudo do humanismo cristão e de certas concepções marxistas. Tanto é que a pesquisa participante suscita muita simpatia entre os grupos religiosos voltados para a ação comunitária. Além disso, a pesquisa participante mostra-se bastante comprometida

com a minimização da relação entre dirigentes e dirigidos e por essa razão tem-se voltado sobretudo para a investigação junto a grupos desfavorecidos, tais como os constituídos por operários, camponeses, índios etc.

Por que utilizar a pesquisa participante? Nosso projeto lida com a observação como coleta de dados precisando necessariamente da ajuda dos participantes que são os alunos e professores.

III – Definir a Tipologia da Pesquisa quanto a abordagem do Problema: Pesquisa qualitativa? Pesquisa quantitativa?

Pressupostos básicos quanto à natureza da pesquisa: **pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa**

Pesquisa Qualitativa

A pesquisa qualitativa está mais relacionada no levantamento de dados sobre as motivações de um grupo, em compreender e interpretar determinados comportamentos, a opinião e as expectativas dos indivíduos de uma população. É exploratória, portanto não tem o intuito de obter números como resultados, **mas insights – muitas vezes imprevisíveis** – que possam nos indicar o caminho para tomada de decisão correta sobre uma questão-problema.

Os recursos mais usados na pesquisa qualitativa são as entrevistas semi estruturadas em profundidade, observação em campo (observar o comportamento do consumidor, por exemplo), entrevistas por telefone, etc.

A pesquisa qualitativa é ótima para aprofundar conhecimentos já quantificados ou quando deseja-se criar uma base de conhecimentos para só depois quantificá-los.

Neste tipo de pesquisa, a atuação de um especialista é outra característica fundamental para lapidar o grande volume de informação bruta recebida e interpretar da melhor maneira possível.

O tamanho da amostra pode não seguir o rigor estatístico mas devemos ter na amostra um retrato da população estudada, refletindo suas características.

Pesquisa quantitativa

Já a pesquisa quantitativa, é a mais comum no mercado, e prioriza apontar numericamente a frequência e a intensidade dos comportamentos dos indivíduos de um determinado grupo, ou população.

Estas medidas são precisas e podem ser úteis para decisões mais acertadas. Os meios de coleta de dados são estruturados, e entre eles estão a entrevista individual e os questionários (on-line, de autopreenchimento, por telefone, presencial, etc.), e muitos outros recursos, sempre com perguntas objetivas e muito claras.

Neste caso, as ferramentas estatísticas devem ser aplicadas com rigor para que haja a confiabilidade necessária para, através da amostra, inferirmos resultados sobre a população de interesse.

Iremos utilizar a pesquisa qualitativa: a qualitativa irá nos nortear para alcançar os objetivos pelo método da observação , coletar os dados para saber como está funcionando a qualidade de ensino para os deficientes visuais. A pesquisa quantitativa também considera-se importante para ter uma noção da quantidade de deficientes visuais na educação básica em escolas regulares de ensino.

IV - Campo empírico, Terreno da pesquisa ou Campo da pesquisa

CAMPOS DA PESQUISA

Os estudos de campo apresentam muitas semelhanças com os levantamentos. Distinguem-se destes, porém, em relação principalmente a dois aspectos. Primeiramente, os levantamentos procuram ser representativos de um universo definido e fornecer resultados caracterizados pela precisão estatística. Já os estudos de campo procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. Como consequência, o planejamento do estudo de campo apresenta muito maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo do processo de pesquisa.

Outra distinção é a de que no estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação.

Para ilustrar essas diferenças, considere-se um levantamento a ser realizado em determinada comunidade. Procurar-se-á, neste caso, descrever com precisão as características de sua população em termos de sexo, idade, estado civil, escolaridade, renda etc. Já num estudo de campo, a ênfase poderá estar, por exemplo, na análise da estrutura do poder local ou das formas de associação verificadas entre seus moradores.

Serão incorporadas na pesquisa de campo 2 (dois) institutos dentre eles estão: Instituto dos Cegos e a Funad.

Instituto dos Cegos – A instituição é uma entidade filantrópica que atua há 71 anos na Paraíba, atendendo cerca de 400 pessoas por mês. No local, são acolhidas pessoas de todas as idades, de recém-nascidos até idosos com mais de 80 anos. A organização ainda oferece um contra turno para alunos da rede municipal de ensino com deficiência visual, que recebem reforço escolar e cursos de braile. O usuário do Instituto dos Cegos também recebe orientações de como andar sozinho com segurança, além de se habilitar para cuidar de coisas simples, como limpar a casa, e mais complicadas, como a utilização dos programas de informática que facilitam a navegação na internet e a leitura de livros.

A Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência – FUNAD é um Órgão do Governo do Estado da Paraíba, vinculada a Secretaria de Estado da Educação, referência no Serviço de Habilitação e Reabilitação nas quatro áreas da deficiência – CER IV (física, intelectual, visual e auditiva), em todo o Estado da Paraíba, onde as pessoas com deficiência são atendidas por uma equipe multidisciplinar. A Instituição vem implementando políticas, programas e serviços nas áreas de saúde, inclusão social e educação, voltados para as pessoas com deficiência, promovendo uma melhor qualidade de vida, bem estar social e cidadania.

A QUEM ATENDE? As pessoas de todas as idades com deficiência temporária ou permanente: Intelectual, visual, auditiva, física, múltipla, acidentados do trânsito, do trabalho, pessoas com transtornos globais do desenvolvimento TEA - Transtorno do Espectro Autista e pessoas com altas habilidades/superdotação.

A AEE é a referência da Secretaria de Estado da Educação para promover as ações que visam o fortalecimento da política nacional de educação especial na perspectiva de educação inclusiva, através do assessoramento, gestão e acompanhamento das escolas da Rede Pública Estadual e formação de professores de acordo com as diretrizes emanadas pela SECADI/MEC. A assessoria é composta por uma equipe multidisciplinar de profissionais da área de educação que apoiam os municípios, profissionais, serviços, educandos e familiares no fortalecimento da educação mais inclusiva.

A AAE tem sob sua responsabilidade três programas que oferecem apoio pedagógico e promovem acessibilidade das pessoas cegas, de baixa visão, surdas, com deficiência auditiva e altas habilidades/Superdotação através dos seguintes programas:

CAP – Centro de apoio à Pessoa com Deficiência Visual : O CAP funciona dentro da CODAVI (Coordenadoria de Atendimento à Pessoa com Deficiência Visual). Subsidiar recursos didáticos e apoio pedagógico à pessoa com deficiência visual, garantindo-lhe a permanência no sistema regular de ensino e a sua continuidade escolar, como também a formação continuada em Braille, SOROBAM e oficinas de material adaptado para professores (as) da rede regular de ensino.

<http://funad.pb.gov.br/> <http://icpac.com.br/diretoria>

V- Universo e Amostra

De modo geral, as pesquisas sociais abrangem um universo de elementos tão grande que se torna impossível considerá-los em sua totalidade. Por essa razão, nas pesquisas sociais é muito frequente trabalhar com uma amostra, ou seja, com uma pequena parte dos elementos que compõem o universo. É o que ocorre, sobretudo, nas pesquisas designadas como levantamento ou experimentos. Quando um pesquisador seleciona uma pequena parte de uma população, espera que ela seja representativa dessa população que pretende estudar. Para tanto necessita observar os procedimentos definidos pela Teoria da Amostragem. A Teoria da Amostragem encontra-se hoje consideravelmente desenvolvida, ficando difícil a qualquer pesquisador justificar a seleção de uma amostra sem recorrer a seus princípios.

A definição de alguns conceitos básicos é fundamental para a compreensão do problema da amostragem na pesquisa social. São eles: a) *Universo ou população*. É um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características. Comumente fala-se de população como referência ao total de habitantes de determinado lugar. Todavia, em termos estatísticos, pode-se entender como amostra o conjunto de alunos matriculados numa escola, os operários filiados a um sindicato, os integrantes de um rebanho de determinada localidade, o total de indústrias de uma cidade, ou a produção de televisores de uma fábrica em determinado período. b) *Amostra*.

Nesta etapa você irá definir onde e como será realizada a pesquisa. Definirá o tipo de pesquisa, a população (universo da pesquisa), a amostragem, os instrumentos

de coleta de dados e a forma como pretende tabular e analisar seus dados. População (ou universo da pesquisa) é a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo.

Amostra é parte da população ou do universo, selecionada de acordo com uma regra ou plana. A amostra pode ser probabilística e não-probabilística. Amostras não-probabilísticas podem ser: amostras acidentais: compostas por acaso, com pessoas que vão aparecendo; amostras por quotas: diversos elementos constantes da população/universo, na mesma proporção; amostras intencionais: escolhidos casos para a amostra que representem o “bom julgamento” da população/universo.

Amostras probabilísticas são compostas por sorteio e podem ser: amostras casuais simples: cada elemento da população tem oportunidade igual de ser incluído na amostra; amostras casuais estratificadas: cada estrato, definido previamente, estará representado na amostra; amostras por agrupamento: reunião de amostras representativas de uma população. A definição das amostras recomenda-se a aplicação de técnicas estatísticas. Barbetta (1999) fornece uma abordagem muito didática referente à delimitação de amostras e ao emprego da estatística em pesquisas.

O universo será feita por 30 pessoas (professores), já os alunos como são deficientes visuais fica inviável o questionário, portanto por falta de material apropriado para os mesmos responderem, será feita à observação com os professores e alunos deficientes, com o intuito de pelo menos 10 serem observados, que será comentado no próximo item. A amostra será a coleta de dados dos resultados que vamos alcançar como parte da observação, pois através da análise das observações teremos uma definição maior de como proceder e prosseguir com a pesquisa.

VI - Riscos e Benefícios (para a Plataforma Brasil)

A avaliação de riscos e benefícios que podem ser antecipados envolve uma série de passos (Res. CNS 466/12-V).

Os benefícios são de grande relevância para a sociedade em geral, pois através de uma inclusão social para deficientes visuais, não só os alunos com esta deficiência ganha, como também todos os envolvidos no sistema, sejam eles: professores, alunos, pais, sociedade (poder público) e etc. Possibilitando assim, avanços na área educacional em todos os setores, desenvolvimento institucional e tecnológico. O aluno deficiente, quando matriculado em uma escola regular tende a aprender muito mais,

interagindo com os colegas “ não – deficientes”, pois a socialização entre ambos, auxiliam no aprendizado não somente dos alunos deficientes como também dos outros alunos, isso porque, a interação, o tratamento igualitário, o preconceito inexistente, faz com que todos se beneficiem em prol de uma educação desenvolvida e valorizada.

Os riscos são inerentes a qualquer seres humanos, quanto mais quando estamos falando de deficientes visuais e outros deficientes. O preconceito é um dos fatores que influenciam bastante o processo de educação e de inclusão. Todo o sistema é afetado de maneira ineficaz quando o preconceito existe. Outros riscos são de grande relevância para o processo educacional, são eles: falta de acessibilidade, má formação dos professores sem capacitação para atender à este público e etc.

VII - Instrumento de coleta de dados: Observação? Entrevista? Questionário?

A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. É, todavia, na fase de coleta de dados que o seu papel se torna mais evidente.

A observação é sempre utilizada nessa etapa, conjugada a outras técnicas ou utilizada de forma exclusiva. Por ser utilizada, exclusivamente, para a obtenção de dados em muitas pesquisas, e por estar presente também em outros momentos da pesquisa, a observação chega mesmo a ser considerada como método de investigação. A observação nada mais é que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano.

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo.

A técnica de observação participante foi introduzida na pesquisa social pelos antropólogos no estudo das chamadas "sociedades primitivas". A partir daí passou a ser utilizada também pelos antropólogos nos estudos de comunidades e de subculturas específicas. Mais recentemente passou a ser adotada como técnica fundamental nos estudos designados como "pesquisa participante" (Brandão, 1981).

A pesquisa de coleta de dados será de observação, portanto o teste será aplicado apenas na hora de ir para o estudo de campo fazer a investigação. Para a partir daí coletar as respostas necessárias para o projeto.

Pontos positivos: A observação facilita à forma como podemos ter uma noção de como esse déficit é feito, ou seja, observar é a melhor forma de obter dados para analisar várias atitudes como por exemplo. Como também o comportamento das pessoas investigadas e etc.

Pontos negativos: ser observado pode incomodar os que estão sendo avaliados pelo pesquisador, por isso, pode haver mudanças de atitudes e por conseqüência alguns erros podem ser cometidos.

ESTUDO PILOTO – após elaborado o instrumento de pesquisa, é importante aplicá-lo em situações similares para verificar se as questões e o instrumento são efetivamente claros e atendem aos objetivos propostos.

ESTUDO PILOTO

A pesquisa de coleta de dados será de **observação**, portanto o teste será aplicado apenas na hora de ir para o estudo de campo fazer a investigação. Para a partir daí coletar as respostas necessárias para o projeto. **Em 02 ou 03 pessoas.**

ANÁLISE DOS RESULTADOS: CATEGORIZAÇÃO? ANÁLISE DE CONTEÚDOS? PROPOSTA DIALÉTICA PARA A ANÁLISE DE CONTEÚDOS? – a análise dos resultados não se dá apenas no final do processo. Desde o começo, o pesquisador precisa anotar tudo que pode ser útil no momento da análise. No momento da análise dos resultados, o texto é produzido de forma dialógica, como um tripé. O pesquisador, dialoga com os dados e os referenciais teóricos e produz um relatório consistente.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A RELAÇÃO COM OS PROFESSORES E COLEGAS AUXILIANDO NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO. VYGOTSKI, L.S. Obras escolhidas V: Fundamentos de defectologia. Madrid: Visor, 1997.

Citação: Quando avaliamos o desenvolvimento de uma criança buscamos observar quais atividades ela consegue desempenhar sozinha. Observamos o seu dia a dia para conseguirmos perceber quais tarefas ela realiza. Para Vygotsky (1998), a capacidade que a criança apresenta para desenvolver sua atividade sozinha denomina-se o nível de desenvolvimento real, que são etapas já alcançadas por ela. **Madrid: Visor, 1997, p. 87**

DEFICIENCIA VISUAL :Professor do Departamento de Ensino Especializado da Universidade do Estado do Pará (DEES/UEPA). Diretor do Instituto IEPA -Polo Belém. História da Deficiência no Brasil. (p.05-08).

Citação: É necessário apresentar um pouco de história para entendermos como os deficientes visuais foram atendidos no Brasil inicialmente e quais as questões que envolviam este atendimento. A partir deste breve histórico chegaremos à atual situação do DV nas escolas. No Censo Demográfico de 1920, já apareciam dados de indivíduos que apresentavam deficiência sensorial, os chamados na época como “cegos” e “surdos-mudos” as pessoas com deficiência visual e auditiva. (p.05)

ACESSIBILIDADE NA ESCOLA, DURAN, M. G.; PRADO, A. R. A. Acessibilidade nos estabelecimentos de ensino. In. III SEMINÁRIO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE GESTORES E EDUCADORES - EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DIREITO A DIVERSIDADE. ENSAIOS PEDAGÓGICOS. Brasília. Anais... Brasília: Ministério da Educação, 2006. v. 1, p. 137-142.

Citação: Conforme as leis, as escolas também necessitam estar preparadas para que possam receber todos os tipos de alunos, pois o Decreto Federal 5.296, de 2 de dezembro de 2004 define prazos para a garantia de acessibilidade, sob pena da não autorização para o funcionamento (DURAN; PRADO, 2006, p.138).

Aprendizagem da criança com deficiência visual. BEE, H. A criança em desenvolvimento. 3 ed. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1984, p.32-36)

1116

Citação: “Bee (1984) cita um estudo com um grupo de bebês com deficiência visual, que sorriam menos e não mostravam o fitar mútuo. A maioria dos pais desses bebês com deficiência visual, depois de diversos meses, começou a achar que seus bebês os rejeitavam; ou concluíram que os bebês estavam deprimidos. Esses pais sentiam-se menos ligados a seus filhos com deficiência visual do que aos outros filhos”. 3 ed. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1984, p. 32)

2- A organização dos passos se dará através de toda pesquisa feita pela metodologia citada em cada passo dessa pesquisa, com a análise de campo, incluindo o universo e amostra para chegar nos resultados. Iremos utilizar a pesquisa qualitativa: a qualitativa irá nos nortear para alcançar os objetivos pelo método da observação , coletar os dados para saber como está funcionando a qualidade de ensino para os deficientes visuais. A pesquisa quantitativa também considera-se importante para ter uma noção da quantidade de deficientes visuais na educação básica em escolas regulares de ensino.

3 – CATEGORIAS E SUB - CATEGORIAS

CATEGORIAS	SUB CATEGORIAS
FORMAÇÃO DE PROFESSOR	x
METODOLOGIA DE ENSINO	x
RELAÇÃO COM OS DEFICIENTES VISUAIS	x

CRONOGRAMA – para nos disciplinarmos, é fundamental estabelecer um cronograma das atividades.

À partir do mês de outubro de 2017

CRONOGRAMA

Atividades	Outubro 2017	Janeiro 2018	Março 2018	Junho 2018	Agosto 2018	Setembro 2018	Outubro 2018	Novembro 2018	Dezembro 2018
Pensar no Tema	x								
Definir o tema	x								
Pesquisar as referências bibliográficas (revisão de literatura)	x								
Coletar os Dados			x						
Apresentar e discutir coleta de dados						x			
Elaborar o projeto		x							
Entregar do projeto									x

ORÇAMENTO

SERVIÇOS			
ITEM	QTD	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
Impressão	100	R\$ 0,10	R\$ 10,00
TOTAL			R\$ 10,00
MATERIAL DE CONSUMO			

ITEM	QTD	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
Caneta	2	R\$ 2,00	R\$ 4,00
Grampeador	1	R\$ 6,00	R\$ 6,00
Caixa de grampo	1	R\$ 3,00	R\$ 3,00
Resma de papel A4	1	R\$ 15,00	R\$ 15,00
Pasta	1	R\$ 5,00	R\$ 5,00
TOTAL			R\$ 33,00
VALOR TOTAL			R\$ 33,00

Observação: Os gastos destinados para elaboração dessa pesquisa serão custeados pelo pesquisador.

REFERENCIAIS – os referenciais teóricos são as bengalas nas quais o pesquisador se apoia para fundamentar seus argumentos. Quanto mais leitura e qualidade de referenciais tiver, mais qualificada será a construção e a análise.

REFERENCIAIS

(Artigo Científico - **O processo de inclusão escolar de cegos: um estudo em uma escola estadual belenense.** Autores: Suelen Tavares Godim e Adriane Giugni Silva). MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

A RELAÇÃO COM OS PROFESSORES E COLEGAS AUXILIANDO NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO. VYGOTSKI, L.S. Obras escolhidas V: **Fundamentos de defectologia.** Madrid: Visor, 1997.

ACESSIBILIDADE NA ESCOLA, DURAN, M. G.; PRADO, A. R. A. **Acessibilidade nos estabelecimentos de ensino.** In. III SEMINÁRIO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE GESTORES E EDUCADORES - EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DIREITO A DIVERSIDADE. ENSAIOS PEDAGÓGICOS. Brasília. *Anais...* Brasília: Ministério da Educação, 2006. v. 1, p. 137-142.

Aprendizagem da criança com deficiência visual. BEE, H. **A criança em desenvolvimento.** 3 ed. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1984.

ARAÚJO, Luiz Alberto David (Coord.). **Direito da pessoa portadora de deficiência uma tarefa a ser completada.** Bauru: Edite, 2003. p. 74.

ARAÚJO, Luiz Alberto David. **A proteção constitucional das pessoas portadoras de deficiência.** 2ª ed. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1997, p.20.

BARDIN, I. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições Setenta, 1994. 18 p.

BAUER, M. W. e GASKEL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BERGER, P. I.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1987. 248 p.

BRASIL, Decreto nº 3.298 de 20 de Dezembro de 1999. Site da Presidência da República, Acesso em: 02/04/2017)

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

Dificuldades de aprendizagem da criança com deficiência visual. CUNHA, A.C.B., ENUMO, S.R.F. **Desenvolvimento da criança com deficiência visual (DV) e interação mãe-criança: algumas considerações**. *Psicologia, saúde & doenças*. Lisboa-Portugal, 2003. 4 (1), 33-46.

FRANCO, Augusto (1985): **Autonomia e partido revolucionário**. Goiânia: Ferramenta, 1985.

Gil AC. **Como elaborar projetos e pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas; 1995:58.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª Edição, São Paulo: Atlas, 2008, p. 17-40; 161-165.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6ª Edição, São Paulo: Atlas, 2008, p. 42 e 43;

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Edição, São Paulo: Atlas, 2008, p. 28.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Edição, São Paulo: Atlas, 2008, p. 121 e 122.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber** . Belo Horizonte: UFMG, 1999. 215 p.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6ª Edição – 5ª reimpressão. São Paulo: Atlas, 2007, p. 157-175.

Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação - https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf

Processos compensatórios da deficiência. FALKENBACH, A. P. **Um estudo de casos: as relações de crianças com síndrome de Down e de crianças com deficiência auditiva na psicomotricidade relacional** (Tese de Doutorado). 437 f. PPGCMH/UFRGS. Porto Alegre, 2003.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989, p. 251-272

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23^a ed. São Paulo: Cortez, 2007.

STRAUSS, A.; CORBIN, J . **Basic of qualitative research: grounded theory and techniques**. London: Sage, 1990. 268 p.

TRIVIÑOS, A. N. da S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.

VYGOTSKI, L.S. Obras escolhidas **V: Fundamentos de defectologia**. Madrid: Visor, 1997. (Artigo Científico – Educação Física Escolar e Inclusão : Uma análise a partir do desenvolvimento motor e social de adolescentes com deficiência visual e das atitudes dos professores. Autora: Marcia Greguol Gorgatti).

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2^a Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001.